



Riacho Doce: O Limite Entre o Risco e a Sobrevivência

Geraldo CORRÊA¹

André SANTOS²

Marinete MENEZES

Regina ROZIN

Izabel GAIA

Marcel NOGUEIRA

Márcia MACHADO

Pedro VITORIANO

Sue Anne COSTA

Anderson SOUSA

Diego PAJEÚ

Adelaide OLIVEIRA³

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

RESUMO

No Laboratório de Telejornalismo aprendemos a distinguir os gêneros dos formatos da produção jornalística. Por isso produzimos uma reportagem documental, do gênero jornalismo informativo, sobre uma problemática existente no Pará, que atualmente é notícia nos meios de comunicação nacionais e que virou até motivo para campanhas de ações sociais. A cheia dos rios assola algumas sociedades no período de chuva. Esse é o foco do nosso trabalho. A área do Riacho Doce, às margens do Rio Parauapebas, nome do município é uma região bastante afetada no “inverno amazônico”. Todos são levados para abrigos. Alguns perdem tudo. Outros tentam resgatar o que pode ser aproveitado. Defesa Civil em alerta 24 horas. Nesse período as pessoas vivem no limite entre o risco e a sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: chuva, desabrigados, cheia dos rios, inverno, Parauapebas/PA

¹ Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: geraldopinheiro@iband.com.br.

² Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: adelaideoliveira.



Riacho Doce: O Limite Entre o Risco e a Sobrevivência

Geraldo CORRÊA⁴

André SANTOS⁵

Marinete MENEZES

Regina ROZIN

Izabel GAIA

Marcel NOGUEIRA

Márcia MACHADO

Pedro VITORIANO

Sue Anne COSTA

Anderson SOUSA

Diego PAJEÚ

Adelaide OLIVEIRA⁶

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

INTRODUÇÃO

Inverno. Palavra que nos faz lembrar de uma das quatro estações do ano nas zonas temperadas. Ocorre entre o outono e a primavera e geralmente é marcada pelas baixas temperaturas. No Brasil, essa estação é presenciada nas regiões abaixo do Trópico de Capricórnio. Na Amazônia, região de Clima Equatorial, as chuvas são predominantes quase o ano inteiro, porém, é importante ressaltar que chuva não quer dizer inverno, porém isso não é muito compreendido pelos nortistas. Até porque como jaz a música de Tom Jobim “... são as águas de março fechando o verão...” O que queremos dizer com isso é que na região amazônica chove quase todos os dias em determinadas áreas e quando chega o período chuvoso, o “inverno” se caracteriza nessa região.

Esse período compreende os meses de dezembro a março. Esse período pode variar devido às alterações climáticas. Baseados nesse contexto a Turma de Jornalismo da Universidade Federal do Pará de Parauapebas realizou uma área bastante afetada pelas chuvas no município de Parauapebas no sudeste paraense. As chuvas ameaçam os moradores ribeirinhos dessa região. São os mais afetados com a cheia dos rios. Eles perdem seus bens levados pelas chuvas, são trasladados para abrigos onde disputam espaços mínimos nos quais precisam caber seus pertences e toda a família: algo entre cinco e dez pessoas para cada quatro metros quadrados e sem contar o risco de contraírem doenças trazidas pelas chuvas. Vivem no limite entre o risco e a sobrevivência. Após cada chuva a esperança de voltar ao velho lar e reconstruir tudo de novo.

⁴ Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo, email: geraldopinheiro@iband.com.br.

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso Jornalismo.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: adelaidoliveira.



2 OBJETIVO

Nosso objetivo é retratar, a partir do gênero jornalismo informativo de formato reportagem e entrevistas, a vida dos moradores das localidades afetadas pelas chuvas. O Rio Parauapebas que corta a região do sudeste paraense, desde o Xingu até as proximidades de Marabá, margeia a área onde produzimos esse trabalho. Mas existe um fato curioso, mesmo que o rio não nasça no município de Parauapebas, a chuva que cai em sua nascente causa o aumento do volume de suas águas e a consequência disso é o alagamento de ilhas, áreas próximas ao leito do rio, igarapés entre outras localidades.

Contudo, mostraremos a realidade em que vivem os moradores do Riacho Doce, como continuam sua batalha para viver longe de seus lares alagados pelas águas do Rio Parauapebas e em seus depoimentos o olhar de cada desabrigado mostrando que a chama da esperança permanece viva, no afã de retornar para seus lares sabendo que *“depois da tempestade vem a bonança”*.

3 JUSTIFICATIVA

Procuramos reportar esse fato, aparentemente comum, já que em dias atuais temos o caso das cheias em Altamira que ganhou o cenário nacional na mídia e mais recentemente os casos do Piauí e do Maranhão, para entendermos como pessoas que não possuem condições de moradia digna e qualidade de vida conseguem superar e esperar todos os anos a mesma tragédia.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Nos baseamos em um formato de reportagem documental, mais comum em jornalismo impresso, porém também utilizada em produção audiovisual. Adaptamos esse trabalho de acordo com a definição na obra *“Técnica de Reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística”*

“A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão”. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 64)



De posse dessas informações dividimos nosso grupo em três subgrupos. Os roteiristas que preparam o roteiro de produção de vídeo, em que planos ou que enquadramento poderia ser utilizado para a produção das imagens, sugestão de locais a serem filmados, enfim. O subgrupo dos produtores composto por seis pessoas responsáveis por marcar as entrevistas, locações de tomadas de vídeo, contatos com possíveis fornecedores de imagens das áreas afetadas pela cheia do rio e confecção de Cartas Ofício para pedir apoio do poder municipal na logística do nosso trabalho. E os editores de texto formado por Diego Pajeú e Anderson Sousa.

Em nosso planejamento, uma semana seria suficiente para preparar um vídeo com duração aproximada de cinco minutos. Nos dois primeiros dias fizemos imagens gerais dos locais afetados pela cheia do rio. No terceiro dia marcamos dia e hora de cada entrevista, as quais foram realizadas nos dois últimos dias do trabalho. No quinto dia fomos auxiliados pela Defesa Civil do município em um passeio de barco pelo Rio Parauapebas para fazermos imagens mais produzidas do próprio rio, com foco em plano aberto, filmando a paisagem, detalhes do rio. No sexto dia começamos a edição de todo o material que foi finalizado no dia seguinte.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Parauapebas, município do sudeste paraense é uma das cidades que sofre com a cheia dos rios no período de chuva. A nascente do rio que corta a localidade fica na região do Xingu. Quando as chuvas são intensas nesse período (Dezembro a Abril) centenas de famílias ficam desabrigadas. Uma área em especial, o “Riacho Doce”, à beira do Rio Parauapebas, é bastante afetada e os moradores vivem no limite entre o risco e a sobrevivência. O produto final é uma reportagem-documental em linguagem audiovisual com duração de sete minutos e cinquenta e cinco segundos gravado em uma câmera Sony DSR 500 em sistema mini-dv.

6 CONSIDERAÇÕES

Consideramos bem proveitoso o trabalho, afinal foi nossa segunda experiência audiovisual do Laboratório de Telejornalismo. Em nossa opinião, sem muita pretensão, achamos que conseguimos alcançar o objetivo inicial de mostrar que não passa apenas de



uma realidade comum, está além do social e aquém das expectativas do ser humano, pois é justamente pela triste realidade enfrentada pelos moradores de áreas afetadas pelas cheias dos rios que os casos citados como Altamira, Maranhão e Piauí ganharam manchete em redes de comunicações nacionais e hoje viraram casos de ação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem*: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV*: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.